

*O Documento de Aparecida (DAp) dá novo vigor teológico, espiritual, pastoral e estrutural para a Igreja em toda a AL e Caribe. Propõe caminhos para “revitalizar nosso modo de ser católico” (n. 13), promovendo e formando “discípulos missionários” (n. 14) conscientes da sua fé batismal, com vivência comunitária e capazes de assumir os desafios que o mundo hoje apresenta para a Igreja. A Igreja é, assim, chamada a rever e aprofundar sua verdadeira natureza, identidade, organização e missão. E isso de modo contextualizado na “realidade social, plural, diferenciada e globalizada, procurando novas respostas que dêem sustentação à fé e à experiência do discipulado dos agentes de pastoral” (n. 345). O DAp situa-se, assim, na tradição do Concílio Vaticano II e das grandes Conferências da Igreja no Continente - sobretudo Medellín e Puebla.*

*Assim fazendo, o DAp busca aprofundar a autoconsciência católica perguntando o que é e como ser Igreja hoje. Uma definição de Igreja seria “uma comunidade discípula missionária de Cristo”, realidade de comunhão, “casa e escola” de comunhão (n. 158). A comunhão acontece na diversidade de carismas, ministérios e serviços, e seu lugar de concretização são as dioceses, as paróquias, as comunidades eclesiais de base, as pequenas comunidades, as conferências episcopais. Trata-se da comunhão na fé que exige a comunhão de vida na partilha fraterna e na prática da justiça.*

*Isso requer uma conversão pastoral e renovação missionária da Igreja, que a ajude a “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (n. 365). Para essa conversão e renovação são chamados todos os discípulos e discipulas de Cristo, desafiados a uma atitude de abertura, de diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva na vida da Igreja (n. 368).*

*O ponto de partida é entender que aprendemos a ser cristãos e a ser Igreja a partir da experiência de Deus em Jesus Cristo. Acontece*



*o fortalecimento da fé, da esperança e da caridade. Essa experiência de encontro e de comunhão é vivida na Igreja e no mundo. O encontro com Cristo leva a reconhecê-Lo nos “rostos sofridos”, particularmente dos pobres, sendo a Igreja “convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres diante das ‘intoleráveis desigualdades sociais e econômicas’, que ‘clamam ao céu’” (n.395). Assim, a fé em Cristo implica uma opção decidida pelos empobrecidos, de modo que uma está implícita na outra (nn. 392.393).*

*Daqui as características do ser e do agir do discípulo missionário de Cristo: vive a alegria de ser discípulo missionário de Jesus Cristo (cap. III); busca uma devida formação (cap. VI); engaja-se na comunidade eclesial (cap. V); desenvolve sua missão a serviço da vida plena (cap. VII), da construção do Reino e da promoção da dignidade humana (cap. VIII).*

*Essa Igreja discípula missionária, escola de comunhão e advogada da justiça precisa de estruturas que lhe dêem sustentação. Tal é a razão dos diversos Conselhos - pastorais, econômicos, de leigos, de religiosos, de presbíteros. Tal é a função também das Conferências episcopais. Concorrem para isso, ainda, os institutos de teologia e pastoral. Todos deveriam funcionar como “espaços de diálogo, discussão e busca de respostas adequadas aos enormes desafios enfrentados pela evangelização no Continente” (n. 344). Esses organismos e instituições eclesiais promovem a comunhão, mas podem ser também obstáculos para isso. Tudo depende da profundidade da conversão que possibilite uma renovação pastoral “decididamente missionária”.*

*Esses elementos identificam a Igreja no DAp. Mas não são isentos de ambigüidades e conflitos. De um lado, o DAp busca construir uma Igreja relacional, provocando nela uma reconfiguração estrutural, teórica e pastoral, abrindo-a ao mundo atual. De outro, reforça uma identidade eclesial consubstanciada nos elementos institucionais e dogmáticos. A primeira tendência apresenta sintonia com a caminhada teológica e pastoral da América Latina. A segunda apresenta reservas a esse jeito de a Igreja ser. O desafio é encontrar o “ponto de equilíbrio” entre o ad extra e o ad intra na Igreja.*



*Por isso, o DAp é um texto complexo. Ele integra diversos graus de qualidade literária, uma grande diversidade de tendências, teologias, opções ideológicas, que não facilitam compreender como foi possível encontrar fórmulas consensuais nas questões ad intra e ad extra da Igreja. O que fazer para que as diferenças e, inclusive, divergências que se apresentam no DAp, não impeçam a articulação da ação missionária da Igreja católica no continente?*

*A chave é entender e assumir, de fato, as grandes linhas do DAp: situar-se não apenas num tempo de mudanças mas na mudança de tempo; nesse tempo, viver o discipulado e a missão a partir do real encontro com Jesus Cristo; fazer efetivas reformas nas estruturas eclesiais; dinamizar a “pastoral da conservação”, optando por “uma pastoral decididamente missionária”; reassumir a opção pelos pobres, implícita na fé em Jesus Cristo...*

*Mas emergem questionamentos: como está a recepção do DAp na Igreja latino-americana e caribenha? Onde encontrar reais esforços para a aplicação de suas orientações? Como despertar os cristãos para o discipulado e a missionariedade que o batismo exige? Como evitar que, passados apenas pouco mais de três anos, o DAp caia no esquecimento, sem possibilitar a conversão pastoral e as mudanças estruturais tão necessárias na Igreja...?*

*Um primeiro passo é intensificar a recepção do DAp em todas as comunidades. E isso se dá através de um processo de estudo e discussão sobre esse Documento. A revista Encontros Teológicos quer contribuir para tal objetivo. E o fazemos pela segunda vez, sendo este número de nossa revista uma espécie de continuidade do número 51, intitulado “A Igreja no Documento de Aparecida”. Desta vez, apresentamos as seguintes reflexões: O projeto pastoral na América Latina e no Documento de Aparecida (Manoel Godoy); As mudanças socioculturais e a Igreja no Brasil (Mário de França Miranda, SJ); O método das Santas Missões Populares a serviço da Missão Continental? Questionamentos sobre suas possibilidades e incongruências (Pe. Sidnei Marco Dornelas, CS); A perspectiva ecumênica do Documento de Aparecida (Maria Teresa de Freitas Cardoso); Catequese iniciática segundo Aparecida (Irmão Nery, fsc); Vida Religiosa consagrada: rosto misericordioso e compassivo de Deus no mundo (Vera Ivanise Bombonato, fsp); Conversão pastoral e*



renovação missionária a partir das CEBs (*Sérgio Ricardo Coutinho*); A presença da Igreja Católica no Brasil e suas implicações sociopolíticas (*Pe. Nelito Nonato Dornelas*); Conferência de Aparecida, um sim às novas tecnologias de comunicação (*Geraldo Martins Dias*); Ética religiosa e pós-modernidade: Fidelidade, um parâmetro fragilizado (*Márcio Bolda da Silva*). *Temos, ainda, Recensões e Crônicas.*

Elias Wolff